

# Os desdobramentos militares da Revolução de 1930 no Pará

Lucas Carnevale Machado <sup>a</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como principal objetivo analisar os principais desdobramentos das revoltas tenentistas no Pará, com enfoque na revolução de 1930, que marcou a derrubada do poder oligárquico das elites paulistas e mineiras. No estado, há ecos dos processos revolucionários de 1924 e 1930; o último, apesar da mobilização militar na capital paraense, obteve sucesso apenas após a vitória do processo na capital nacional, determinando a deposição dos governadores eleitos e sua substituição por interventores militares. No Pará, o 1º tenente Magalhães Barata (1888-1959) foi o governante, que atuou como figura popular e que contou com vários poderes na sua figura política.

**Palavras Chave:** Revolução de 1930, Tenentismo, mobilização militar.

## INTRODUÇÃO

O estado do Pará foi visto e constituído como ponto de defesa militar da Amazônia desde sua fundação pelos portugueses em 1616. Inicialmente visando proteger as posses luso-brasileiras na foz do rio Amazonas contra as outras potências da época, como os ingleses e holandeses. Essa

noção construída no período colonial toma corpo com as mudanças políticas que levaram ao surgimento do Brasil como nação, sendo o Grão-Pará uma das últimas províncias a serem integradas no recém-criado império brasileiro<sup>1</sup>.

Eventos como a Cabanagem (1835–1840) e a Guerra do Paraguai (1864–1870) mostraram

---

<sup>a</sup> Historiador, mestre em Ciências do Patrimônio Cultural. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



ainda mais essa importância militar da região, na qual foi necessário mobilizar número considerável de soldados da região. Além disso, alguns fortes atuavam no mesmo objetivo de defesa do território, como o de Macapá, Óbidos e o forte do Presépio, em Belém. Dessa forma, a região, em diversos momentos, acabou tomando parte nas diversas mobilizações militares brasileiras dos séculos XIX e XX.

O tenentismo foi uma série de movimentos de caráter político-militar que levaram a cabo várias revoltas em todo o Brasil contra a “República Velha” por variados motivos, como: problemas econômicos, questões sobre repressão e prisões contra militares por seus posicionamentos políticos, etc. Fagundes, em seu texto<sup>2</sup>, trabalha a historiografia sobre o tenentismo. O autor discute todas as articulações dos movimentos político-militares desses oficiais intermediários, não só por uma perspectiva de mudança das estruturas oligár-

quicas que tomaram destaque na primeira república brasileira.

Esses processos são os anseios de uma instituição que acabou se tornando coadjuvante na política nacional da época, além do que esses tenentes representavam uma nova classe em ascensão: a classe média urbana brasileira, letrada e próxima dos soldados, ciente desses problemas sociais e que ansiavam por mudanças estruturais na nação brasileira<sup>3</sup>.

O primeiro movimento tenentista registrado ocorreu no Rio de Janeiro, a Revolta do Forte de Copacabana em 1922, que foi mobilizada devido a um escândalo entre o presidente da República Arthur Bernardes e a cúpula do Clube Militar, que levou à prisão de vários de seus membros, incluindo o presidente do clube. Com todos estes acontecimentos, o forte se revoltou contra o governo, atacando as tropas legalistas sem conseguir resultados efetivos. Após a rendição da fortificação, cerca de 17 militares armados saíram do forte e foram



caminhando pela praia, atacando as tropas legalistas. Um civil se uniu ao grupo e formaram “os 18 do Forte”. Do pelotão suicida, só dois sobreviveram: Eduardo Gomes e Siqueira Campos<sup>4</sup>.

Mesmo não tendo resultados efetivos, a revolta conseguiu mostrar que a oficialidade tinha força e capacidade político-militar de mobilização, e que este grupo estava ciente dos problemas sociais da República, o que levaria a várias outras revoltas, como a Coluna Miguel Costa-Prestes e as revoluções espalhadas no Brasil em 1924. Fagundes discute que:

O movimento dos 18 do Forte, em 1922, criou a lenda e o mito em torno do movimento dos jovens oficiais. Por outro lado, o levante de 1924 foi a primeira grande mobilização militar do Movimento Tenentista. É importante observar que a partir desse levante o movimento passou a ser um dos focos principais de oposição e crítica do ambiente político da “Primeira República”.<sup>5</sup>

## **O 26º BATALHÃO DE CAÇADORES E SUA ATUAÇÃO EM BELÉM DURANTE A REVOLUÇÃO DE 1924**

A revolução de 1924 teve origem no estado de São Paulo, dentro da série de movimentos que tentaram estabelecer mudanças no contexto político e social. Comandada pela oficialidade presente na capital paulista, de 5 de julho a 28 do mesmo mês, mobilizou a cidade por inteiro, com inúmeros combates urbanos<sup>6</sup>.

Esse movimento teve uma série de adesões em vários estados do Brasil, inclusive no Pará. William Gaia Farias<sup>7</sup>, em seu artigo, discute as razões que levaram os militares a se amotinarem em Belém, se contrapondo às determinações do comando para que os militares do 26º Batalhão de Caçadores (26º BC) combatessem os tenentistas do Baixo Amazonas.

A revolução, estendida para a Região Oeste do estado (Baixo Amazonas), já havia tomado por



inteiro o estado do Amazonas e a cidade paraense de Óbidos, com seu forte da época colonial que era guarnecido por uma bateria de artilharia, sob o comando do tenente Magalhães Barata. Farias discute que, na Amazônia, estes movimentos de caráter tenentista trouxeram à tona várias demandas sociais da população, fato visto na Comuna de Manaus com a estatização dos açougues da cidade, que estavam sob controle de uma empresa inglesa<sup>8</sup>.

O governo estadual havia mobilizado o 26<sup>o</sup> BC para dar o apoio na repressão aos paulistas revolucionários. No entanto, com a revolta no Baixo Amazonas, as tropas seriam levadas para combater os revolucionários em Óbidos. Contudo, as tropas se recusaram a entrar em uma luta fratricida contra os revoltosos<sup>9</sup>.

Essa insubordinação foi a base do movimento revolucionário em Belém, ainda que muitos civis estivessem envolvidos no embate. O batalhão, sob a liderança do capitão engenheiro Au-

gusto Assis de Vasconcelos, tentou obter o controle do estado, da mesma forma como ocorreu no Amazonas. No entanto, após dois dias de encarniçado combate para tomar a sede governamental, o oficial foi vitimado por uma carga de fuzilaria da força pública, que estava do lado legalista. A perda do comando levou à queda do moral dos revoltosos, e à subsequente derrota dos revolucionários<sup>10</sup>.

A imagem do capitão Assis de Vasconcelos foi estabelecida como de um traidor, até o ano de 1930, com a vitória dos tenentistas. Deste ponto, sua figura passa à condição de mártir, sendo uma das vítimas da República Velha, e servindo como inspiração para a revolução de 1930, além de emprestar o seu nome para uma avenida do centro da capital paraense, que se mantém até a atualidade<sup>11</sup>.



## OS MILITARES E A REVOLUÇÃO DE 1930 NO PARÁ

Um dos maiores pontos de inflexão da história do Brasil republicano trata-se do movimento dito de “Revolução de 30”, no qual, os derrotados da eleição do mesmo ano organizaram um movimento contra o governo oligárquico, movendo suas tropas de norte a sul contra o presidente Washington Luís e contra o recém-eleito Júlio Prestes. Isso, com a organização da história nacional posteriormente, tomou uma definição de movimento revolucionário, no qual várias figuras surgem com Getúlio Vargas.

Essa definição é a que permanece na atual historiografia e até mesmo em outras áreas das ciências humanas como a sociologia, citando a obra de Fernandes, no qual o autor define o movimento de 30 no Brasil como uma “Revolução Burguesa”<sup>12</sup>, esta que seria uma etapa necessária para uma etapa da ideia de

uma outra revolução, só que proletária.

Ainda assim, há pontos da história que não aceitam a definição de revolução para o movimento, mas como um “golpe”. Essa visão vem de autores que trabalham com biografias de pessoas que estavam do lado do governo legal, citando também a biografia de memórias do marechal Mascarenhas de Moraes, que lutou com sua unidade contra o movimento e acabou preso por isso<sup>13</sup>.

Neste momento, houve uma quebra na política vigente “do Café com Leite”, na qual só as oligarquias paulista e mineira (que tinham o maior poder econômico) poderiam alçar à presidência da República. O paulista Washington Luís, preferiu indicar o conterrâneo Júlio Prestes para concorrer ao cargo, quebrando a aliança com Minas Gerais<sup>14</sup>.

Estes, sentindo-se traídos, decidiram apoiar a chapa oposicionista da Aliança Liberal, formada pelo gaúcho Getúlio Vargas



e pelo paraibano João Pessoa, concorrendo a presidente e vice, respectivamente. Mesmo com o apoio dos mineiros, a Aliança Liberal não conseguiu vencer os paulistas e Júlio Prestes foi eleito. No entanto, devido a um conflito pessoal, o vice de Getúlio, João Pessoa, foi assassinado no Recife, levando a uma série de mobilizações de várias oligarquias contra o governo central, pois alegavam que tinha sido morto por questões políticas<sup>15</sup>.

Com isso, tropas militares de vários estados do Sul foram marchando até a capital federal, para depor Washington Luís e estabelecer um triunvirato provisório. A revolução começou em 3 de outubro de 1930 no Rio Grande do Sul, com a deposição de Washington Luís da presidência em 24 de outubro. Os representantes das forças armadas mantiveram-se no poder até o dia 3 de novembro, quando colocaram Getúlio Vargas no comando do governo provisório<sup>16</sup>.

No Pará, quando as notícias da revolução no Sul chegaram à

cidade, Belém estava sob ronda de uma possível tentativa de tomada do poder. A apreensão feita pela polícia de cinco toneladas de munição em um porto da capital mostrava que logo a revolução já estava às portas do estado<sup>17</sup>.

Durante esse período surgiram algumas figuras de liderança que tomaram a frente no processo revolucionário. O primeiro líder da revolução no Pará foi o 1º tenente Magalhães Barata, que veio para Belém disfarçado para articular o movimento no estado. No entanto, ele foi descoberto e preso, sendo enviado para o Rio de Janeiro. A liderança do movimento passou a outro oficial: Castilhos França. Este, quando compareceu ao 26º BC para mobilizar o batalhão, foi morto por um tiro acidental pelo militar que estava no posto de sentinela do local<sup>18</sup>.

O comando passou a outro tenente, Ismaelino de Castro, oficial do 26º, que conseguiu mobilizar o batalhão para atuar em favor dos revolucionários. Em



Belém os primeiros confrontos são registrados dois dias após o início do movimento no Sul. Novamente o 26º BC está na dianteira da revolta. Sua estratégia tratava-se de dividir o batalhão para atacar o quartel-general e o palácio governamental ao mesmo tempo. Não teve êxito, forçando os revolucionários a tomarem o trem da linha Belém-Bragança, para entrarem em contato com os revolucionários maranhenses vitoriosos, com objetivo de obter reforços para tomar Belém<sup>19</sup>.

Com a vitória revolucionária no Maranhão, o governador destituído e o prefeito da capital vizinha refugiaram-se em Belém, impactando a opinião pública sobre a revolução, fazendo com que estes tomassem força na capital. Ainda assim, só depois do dia 24 de outubro de 1930, com a revolução já consolidada no Brasil, o governador paraense Eurico Valle propôs a formação de uma junta governamental. A revolução finalmente chegara ao Pará<sup>20</sup>.

### **APRESENTAÇÃO DE FONTE: FICHA DO 3º SARGENTO RAIMUNDO CAVALCANTI DA SILVA**

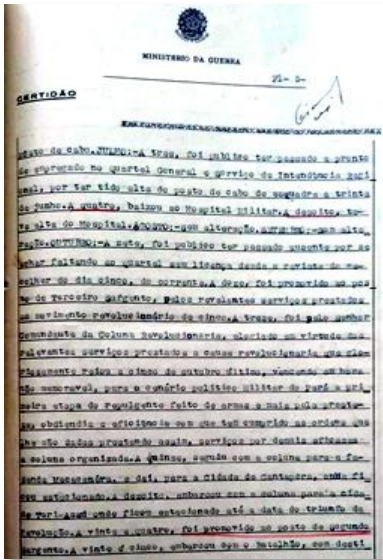
O militar foi mobilizado no serviço militar obrigatório do ano de 1927, sendo designado para o 26º Batalhão de Caçadores (localizado no momento ao lado da basílica de Nazaré), e promovido rapidamente à graduação de 3º sargento, no período anterior ao processo revolucionário de 1930. Seus registros no evento o apresentam já no processo de retirada das tropas revoltosas da capital paraense, atuando como sentinela da linha férrea como operador de metralhadora.

Seu registro assinala que, pouco antes da chegada da locomotiva na cidade de Bragança-PA, boa parte dos militares amotinados foram detidos ou fugiram das tropas estaduais. O 3º sargento Cavalcanti conseguiu escapar das autoridades paraenses, abrigando-se na cidade maranhense de “*Turi-Assú*”, aguardando o desfecho das atividades



no Rio de Janeiro e a consolidação do poder revolucionário na figura de Getúlio Vargas. Depois de chegar à capital paraense, foi promovido à graduação subsequente.

Fig. 1 – Certidão de tempo de serviço na Revolução de 1930



Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Após a revolução de 1930, o militar seguiu carreira por mais de duas décadas, atuando em funções administrativas e operacionais, contribuindo para o esforço de guerra nacional contra o

inimigo nazifascista na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), embarcando para a Itália, onde participou de diversas patrulhas e foi reconhecido pelas autoridades brasileiras e estadunidenses.

No fim da década de 1950, saiu do serviço ativo no posto de major, passando a participar ativamente das decisões políticas da Associação de Ex-combatentes do Brasil, seção Pará, da qual foi presidente por mais de vinte anos, estando à frente das lutas sociais dos veteranos paraenses até seu falecimento, no ano de 1990.

## CONCLUSÃO

Com a vitória dos revolucionários tenentistas no Brasil e a subsequente destituição das oligarquias estaduais, sendo substituídas pelos interventores federais, homens de confiança do governo provisório e de passado tenentista. No Pará, foi escolhido o 1º tenente Joaquim Magalhães de Cardoso Barata. Esse perso-



nagem já era conhecido por várias atuações em movimentos revolucionários, da revolta da vacina em 1904 aos movimentos tenentistas da década de 1920. Conhecido pela personalidade forte, agregou para si, durante os primeiros anos do governo provisório, os poderes estaduais, usando-os para atuar de forma paternalista com a população paraense de Belém e do interior<sup>21</sup>.

Nos anos iniciais da década de 1930 aconteceram várias mudanças na atuação das forças estaduais e, sob a influência direta do interventor, a Brigada Militar do estado foi extinta<sup>22</sup>, surgindo uma nova instituição: a Guarda Civil paraense. Esta manteve sua ligação direta com o interventor Magalhães Barata, com o objetivo de manter a lealdade à autoridade estadual. No entanto, contava com membros de pouca experiência e mal estruturada, e acabou abrindo brechas para que a Força Pública estadual ressurgisse no ano de

1932, devido à eclosão da revolta paulista.

## FONTES

*A Folha do Norte*. Exemplares de novembro de 1935 pesquisados. Disponível no setor de microfilme do CENTUR, Belém, 2019.

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. Ficha Funcional do major Raimundo Cavalcanti da Silva. Rio de Janeiro, 1990.

*O Estado do Pará*. Jornal pesquisado no recorte de julho a setembro de 1932, disponível no setor de microfilme do CENTUR, Belém, 2019.

*O Estado do Pará*. Jornal pesquisado no recorte de setembro a novembro de 1930, disponível no setor de microfilme do CENTUR, Belém, 2019.

*O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: Magalhães Barata e a Revolução de 1930. Graph editora, Belém, 2016.

*O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: A comunicação nos tempos da II



Guerra. Graph editora, Belém, 2016.

## BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, Izabel L. Revoltas na caserna e a criação da polícia política no Brasil. *Anais do XV encontro regional de história da ANPUH-Rio*, Rio de Janeiro, 2012.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira contemporânea*. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. 2º Batalhão de Infantaria de Selva. *Vídeo institucional do 2º Batalhão de Infantaria de Selva*. Belém: Setor de Comunicação Social, Belém, 2015.

BURLAMAQUI, Cristiane Domínguez Vieira. A fundação de Belém do Pará: análise dialógica de narrativas colonizadoras. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto et al. (orgs.). *Discurso e Identidade: múltiplos enfoques*. São Paulo: FFLCH/USP, 2018.

COIMBRA, Creso. *O Pará na Revolução de 30: História, análise crítica*

e reflexão. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1981.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Movimento tenentista: um debate historiográfico. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 9 (108), pp. 127-133, 2010.

FARIAS, William Gaia. Militares e civis forjando o “Tenentismo” no Pará. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*, 2011.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. *Brasil em Perspectiva*, v. 10, p. 229, 1970.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GARCIA, Afrânio. Os vice-reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a Revolução de 1930 (1920-1964). *Revista de Ciências Sociais*, v. 38, n. 2, pp. 73-87, 2007.

MACHADO, Lucas Carnevale. Uma micro-história da revolta do Forte de Copacabana (1922). *Revista do IGHMB*, Rio de Janeiro, v. 83, n. 112, pp. 158-171, 2024.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *Memórias*, 2v. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969.



OLIVEIRA, Walter Pinto et al. *Memórias de uma revolta esquecida: o Baixo-Amazonas na revolução constitucionalista de 1932*. Belém: Pakatatu, 2013.

ROCQUE, Carlos. *Depoimentos para a história política do Pará*. Belém: Mitograph Editora, 1981.

ROCQUE, Carlos. *História geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001.

ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político*. Belém: Secult-PA, 1999.

## NOTAS

<sup>1</sup> BURLAMAQUI, Cristiane Dominiqui Vieira. A fundação de Belém do Pará: análise dialógica de narrativas colonizadoras. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto et al. (orgs.). *Discurso e Identidade: múltiplos enfoques*. São Paulo: FFLCH/USP, 2018.

<sup>2</sup> FAGUNDES, Pedro Ernesto. Movimento tenentista: um debate historiográfico. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 9 (108), pp. 127-133, 2010.

<sup>3</sup> FARIAS, William Gaia. Militares e civis forjando o “Tenentismo” no Pará.

*Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*, 2011; e FAGUNDES, op.cit.

<sup>4</sup> MACHADO, Lucas Carnevale. Uma micro-história da revolta do Forte de Copacabana (1922). *Revista do IGHMB*, Rio de Janeiro, v. 83, n. 112, pp. 158-171, 2024.

<sup>5</sup> FAGUNDES, op.cit., p. 133.

<sup>6</sup> ARAGÃO, Izabel L. Revoltas na caserna e a criação da polícia política no Brasil. *Anais do XV encontro regional de história da ANPUH-Rio*, Rio de Janeiro, 2012; e FAGUNDES, op.cit.

<sup>7</sup> FARIAS, op.cit.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Cf. OLIVEIRA, Walter Pinto et al. *Memórias de uma revolta esquecida: o Baixo-Amazonas na revolução constitucionalista de 1932*. Belém: Pakatatu, 2013; e ROCQUE, Carlos. *História geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001.

<sup>10</sup> *O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: Magalhães Barata e a Revolução de 1930. Graph editora, Belém, 2016.

<sup>11</sup> ROCQUE, 2001, op.cit.

<sup>12</sup> FERNANDES, Florestan. *A Revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

<sup>13</sup> MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *Memórias*, 2v. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969.



---

<sup>14</sup> *O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: Magalhães Barata e a Revolução de 1930. Graph editora, Belém, 2016.

<sup>15</sup> FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. *Brasil em Perspectiva*, v. 10, p. 229, 1970.

<sup>16</sup> *O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: Magalhães Barata e a Revolução de 1930. Graph editora, Belém, 2016.

<sup>17</sup> ROCQUE, 2001, op.cit.; e *O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: Magalhães Barata e a Revolução de 1930. Graph editora, Belém, 2016.

<sup>18</sup> ROCQUE, 2001, op.cit.

<sup>19</sup> ROCQUE, 2001, op.cit.; e *O Liberal*. Encarte especial sobre os 400 anos da cidade de Belém: Magalhães Barata e a Revolução de 1930. Graph editora, Belém, 2016.

<sup>20</sup> *O Liberal*, op.cit.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, op.cit.

<sup>22</sup> Decreto Nº 14 de 22 de novembro de 1930, apud OLIVEIRA, op.cit., p.75.